

34. A RESSURREIÇÃO DE JESUS

648-667



INTRODUÇÃO

A ressurreição de Jesus não é como a ressurreição de Lázaro, a da filha de Jairo ou a do filho da viúva de Naim; Cristo não volta à vida terrena mortal para um dia morrer novamente.

A ressurreição de Jesus não consiste somente na sobrevivência da alma: quando o ressuscitado aparece aos discípulos não se apresenta como fantasma ou como alma desencarnada. O Ressuscitado aparece com corpo glorificado e real, que pode ser identificado pelas marcas da paixão. Se Jesus aparecesse apenas como alma, isso levaria a pensar que Ele não pertence ao mundo da vida, mas da morte.

A ressurreição de Jesus possibilita encontros pessoais que nos evangelhos são descritos como aparições. Essas aparições, distintas das experiências místicas, são experiências em que a pessoa de Jesus ressuscitado se aproxima dos discípulos. São Paulo, por exemplo, distinguiu com clareza esses dois tipos de experiências: uma é a sua elevação até o terceiro céu (cf. 2Cor 12,1-4) e outra é a aparição de Jesus no caminho de Damasco (At 9,1-6).

A partir dessas informações bíblicas, o Catecismo da Igreja Católica continua a refletir sobre a natureza particular da ressurreição de Jesus.

A ressurreição de Jesus é obra da Santíssima Trindade, na qual *as três Pessoas divinas agem ao mesmo tempo, juntas e manifestam sua originalidade própria* (648-650).

A ressurreição de Jesus, além de ser revelação trinitária, tem significado para a nossa salvação. O ressuscitado é o princípio da nossa ressurreição desde já pela justificação de nossa alma e, mais tarde, pela vivificação de nosso corpo (651-655).

Segundo o Novo Testamento, as aparições do Ressuscitado não se multiplicam indefinidamente. Elas acontecem no período de quarenta dias. A última aparição coincide com a entrada da humanidade de Jesus na glória divina. Jesus subiu aos céus e está sentado à direita do Pai (659-667).

TEXTO 648-667

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO II: CREIO EM JESUS CRISTO, FILHO ÚNICO DE DEUS

ARTIGO 5: JESUS CRISTO DESCEU AOS INFERNOS, RESSUSCITOU DOS MORTOS NO TERCEIRO DIA

PARÁGRAFO 2: NO TERCEIRO DIA RESSUSCITOU DOS MORTOS



II. A ressurreição – obra da Santíssima Trindade

648. A ressurreição de Cristo é objeto de fé, na medida em que é uma intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história. Nela, as três pessoas divinas agem em conjunto e manifestam a sua originalidade própria: realizou-se pelo poder do Pai, que “ressuscitou” (At 2,24) Cristo seu Filho, e assim introduziu de modo perfeito a sua humanidade – com o seu corpo – na Trindade. Jesus foi divinamente revelado “Filho de Deus em todo o seu poder, pela sua ressurreição de entre os mortos” (Rm 1,4). São Paulo insiste na manifestação do poder de Deus por obra do Espírito, que vivificou a humanidade morta de Jesus e a chamou ao estado glorioso de Senhor.

649. Quanto ao Filho, Ele opera a sua própria ressurreição em virtude do seu poder divino. Jesus anuncia que o Filho do Homem deverá sofrer muito, e depois ressuscitar (no sentido ativo da palavra). Aliás, é d’Ele esta afirmação explícita: “Eu dou a minha vida para retomá-la [...] Tenho o poder de a dar e o poder de a retomar” (Jo 10,17-18). “Nós cremos que Jesus morreu e depois ressuscitou” (1Ts 4,14).

650. Os Santos Padres contemplam a ressurreição a partir da pessoa divina de Cristo, que ficou unida à sua alma e ao seu corpo, separados entre si pela morte: “Pela unidade da natureza divina, que continua presente em cada uma das duas partes do homem, estas se unem de novo. Assim, a morte é produzida pela separação do composto humano e a ressurreição pela união das duas partes separadas”.

III. Sentido e alcance salvífico da ressurreição

651. “Se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é vã e também é vã a vossa fé” (1Cor 15,14). A ressurreição constitui, antes de mais, a confirmação de tudo quanto Cristo em pessoa fez e ensinou. Todas as verdades, mesmo as mais inacessíveis ao espírito humano, encontram a sua justificação se, ressuscitando, Cristo deu a prova definitiva, que tinha prometido, da sua autoridade divina.

652. A ressurreição de Cristo é o *cumprimento das promessas* do Antigo Testamento e do próprio Jesus, durante a sua vida terrena. A expressão «segundo as Escrituras» indica que a ressurreição de Cristo cumpriu essas predições.

653. A verdade da *divindade de Jesus* é confirmada pela ressurreição. Ele tinha dito: “Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que ‘Eu Sou’” (Jo 8,28). A ressurreição do Crucificado demonstrou que Ele era verdadeiramente «Eu Sou», o Filho de Deus e Ele próprio Deus. São Paulo pôde declarar aos judeus: “E nós vos anunciamos a Boa-Nova de que a promessa feita aos nossos pais, cumpriu-a Deus para os filhos deles ao ressuscitar Jesus, como justamente está escrito no Salmo segundo: ‘Tu és meu Filho, Eu gerei-Te hoje’” (At 13,32-33). O mistério da ressurreição de Cristo está estreitamente ligado ao mistério da Encarnação do Filho de Deus. É dele o cumprimento, segundo o desígnio eterno de Deus.

654. Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, *a justificação*, que nos repõe na graça de Deus, “para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6,4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: “Ide anunciar aos meus irmãos” (Mt 28,10). Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adotiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.

655. Finalmente, a ressurreição de Cristo – e o próprio Cristo Ressuscitado – é princípio e fonte da *nossa ressurreição futura*: “Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram [...]. Do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim também em Cristo serão todos restituídos à vida” (1Cor 15,20-22). Na expectativa de que isto se realize, Cristo Ressuscitado vive no coração dos seus fiéis. N’Ele, os cristãos “saboreiam as maravilhas do mundo vindouro” (Hb 6,5) e a sua vida é atraída por Cristo para o seio da vida divina, “para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,15).

Resumindo:

656. *A fé na ressurreição tem por objeto um acontecimento, ao mesmo tempo historicamente testemunhado pelos discípulos (que realmente encontraram o Ressuscitado) e misteriosamente transcendente, enquanto entrada da humanidade de Cristo na glória de Deus.*

657. *O sepulcro vazio e os lençóis deixados no chão significam, por si mesmos, que o corpo de Cristo escapou aos laços da morte e da corrupção, pelo poder de Deus. E preparam os discípulos para o encontro com o Ressuscitado.*

658. Cristo, “primogênito de entre os mortos” (Cl 1,18), é o princípio da nossa própria ressurreição, desde agora pela justificação da nossa alma, mais tarde pela vivificação do nosso corpo.



ARTIGO 6: JESUS SUBIU AOS CÉUS E ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS, PAI TODO-PODEROSO

659. “Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus” (Mc 16,19). O corpo de Cristo foi glorificado desde o momento da sua ressurreição, como o provam as propriedades novas e sobrenaturais de que, a partir de então, ele goza permanentemente. Mas, durante os quarenta dias em que vai comer e beber familiarmente com os discípulos e instruí-los sobre o Reino, a sua glória fica ainda velada sob as aparências duma humanidade normal. A última aparição de Jesus termina com a entrada irreversível da sua humanidade na glória divina, simbolizada pela nuvem e pelo céu. Onde a partir de então, está sentado à direita de Deus. Só de modo

absolutamente excepcional e único é que Se mostrará a Paulo, “como a um aborto” (1Cor 15,8), numa última aparição que o constitui Apóstolo.

660. O caráter velado da glória do Ressuscitado, durante este tempo, transparece na sua misteriosa palavra a Maria Madalena: “ainda não subi para o Pai. Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus” (Jo 20,17). Isto indica uma diferença entre a manifestação da glória de Cristo Ressuscitado e a de Cristo exaltado à direita do Pai. O acontecimento da ascensão, ao mesmo tempo histórico e transcendente, marca a transição duma para a outra.

661. Esta última etapa continua intimamente unida à primeira, isto é, à descida do céu realizada na Encarnação. Só Aquele que “saiu do Pai” pode “voltar para o Pai”: Cristo. “Ninguém subiu ao céu senão Aquele que desceu do céu: o Filho do Homem” (Jo 3,13). Abandonada às suas forças naturais, a humanidade não tem acesso à “Casa do Pai”, à vida e à felicidade de Deus. Só Cristo pode abrir ao homem este acesso: “subindo aos céus, como nossa cabeça e primogênito, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu corpo”.

662. “E Eu, uma vez elevado da terra, atrairei todos a Mim” (Jo 12,32). A elevação na cruz significa e anuncia a elevação da ascensão aos céus. É o princípio dela, Jesus Cristo, o único sacerdote da nova e eterna Aliança, “não entrou num santuário feito por homens [...]. Entrou no próprio céu, a fim de agora se apresentar diante de Deus em nosso favor” (Hb 9,24). Nos céus, Cristo exerce permanentemente o seu sacerdócio, “sempre vivo para interceder a favor daqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus” (Hb 7,25). Como “sumo sacerdote dos bens futuros” (Hb 9,11), Ele é o centro e o ator principal da liturgia que honra o Pai que está nos céus.

663. Doravante, Cristo *está sentado à direita do Pai*: “Por direita do Pai entendemos a glória e a honra da divindade, em cujo seio Aquele que, antes de todos os séculos, existia como Filho de Deus, como Deus e consubstancial ao Pai, tomou assento corporalmente desde que encarnou e o seu corpo foi glorificado”.

664. Sentar-se à direita do Pai significa a inauguração do Reino messiânico, cumprimento da visão do profeta Daniel a respeito do Filho do Homem: “Foi-Lhe entregue o domínio, a majestade e a realeza, e todos os povos, nações e línguas O serviram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará jamais, e a sua realeza não será destruída” (Dn 7,14). A partir deste momento, os Apóstolos tornaram-se as testemunhas do “Reino que não terá fim”.

Resumindo:

665. *A ascensão de Cristo marca a entrada definitiva da humanidade de Jesus no domínio celeste de Deus, de onde há de voltar mas que, entretanto, O oculta aos olhos dos homens.*

666. *Jesus Cristo, cabeça da Igreja, precede-nos no Reino glorioso do Pai, para que nós, membros do seu corpo, vivamos na esperança de estarmos um dia eternamente com Ele.*

667. *Jesus Cristo, tendo entrado, uma vez por todas, no santuário dos céus, intercede incessantemente por nós, como mediador que nos garante permanentemente a efusão do Espírito Santo.*



Revisando temas

1. Se estudarmos os textos do NT que falam da ressurreição de Jesus, veremos que, na maioria deles, a iniciativa da ressurreição corresponde à iniciativa de Deus Pai (Rm 6,4; 8,11; 10,9; 2Cor 4,14; Ef 1,20). Com efeito, com a ressurreição, Deus Pai se manifesta em seu poder divino que consiste exatamente na ação de ressuscitar o Filho.

É preciso que fique claro: a fé na ressurreição de Jesus não é um acréscimo à fé em Deus. Pelo contrário, é a expressão mais original da fé no Deus cristão: Deus é o Pai de Jesus que mostra essa paternidade exatamente ao ressuscitá-Lo dos mortos (cf. Gl 1,1). O poder onipotente de Deus Pai não é um poder qualquer, indefinido ou genérico. Trata-se de um poder que se manifesta na ressurreição do Filho. Mais ainda: o poder de Deus Pai se identifica com a própria ressurreição do Filho. Muitas passagens do NT testemunham essa relação estreita entre paternidade divina com a ressurreição do Filho: 2Cor 1,3; 11,31; Ef 1,17; Fl 2,11.

Em At 13,33 (“Deus realizou-a [a promessa] plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como também está escrito”) se aplica a Jesus ressuscitado e exaltado o Sl 2,7: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei”. Como se pode notar, a ressurreição é interpretada em termos de geração. Efetivamente, nesse momento da exaltação, Jesus adquire a condição de Filho de Deus em todo o seu poder (cf. Rm 1,3-4). Trata-se da exaltação filial do homem Jesus, uma vez que na sua divindade o Cristo não necessita dessa exaltação. Se a paternidade de Deus se coloca *em relação* com a ressurreição, é normal que também a filiação divina de Jesus seja *manifestada* no fato de ser ressuscitado pelo Pai dentre os mortos.

2. Uma passagem do evangelho de João, no entanto, parece atribuir a iniciativa da ressurreição ao próprio Jesus.

Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la (Jo 10,17-18).

Nessa perícopa, porém, a referência ao Pai está bem presente. Outros textos do mesmo evangelho sublinham a iniciativa do Pai na glorificação de Jesus (Jo 12,23.28; 13,31-32; 17,1.5). Por isso, o quarto evangelho não constitui uma exceção na linha do NT de reconhecer a autoria do Pai na ressurreição.

3. A paternidade de Deus e a filiação divina de Cristo que se manifestam na ressurreição permitem um mais profundo conhecimento e reconhecimento da *pré-existência* do

Verbo. À luz da ressurreição, a Igreja primitiva chegou à convicção de que Jesus é desde sempre o Filho de Deus, não chegou a sê-lo na sua ressurreição ou em algum momento de sua vida mortal.

A vida do Verbo no seio do Pai “no princípio” precede e não depende da economia da salvação, pelo contrário, constitui seu *único fundamento*. A filiação divina, que Jesus vive neste mundo e que se manifesta plenamente na sua ressurreição, tem seu fundamento transcendente no próprio ser divino, em uma relação com o Pai que é *prévia à sua existência humana*.

Foi, portanto, a partir da “geração” de Jesus para a vida divina na ressurreição que o NT pôde falar da existência do Filho desde o princípio no seio do Pai, que o gerou eternamente (cf. Jo 1,1ss; 8,58; 17,5.24; Rm 8,3; Fl 2,6; Gl 4,4; Ef 1.3ss; Hb 1,2). Por outro lado, é somente com a existência divina de Jesus, prévia à encarnação, que a economia pode ter seu fundamento no ser mesmo de Deus, e ser assim a comunicação da vida de Deus aos homens.

4. A ressurreição de Jesus, na qual o Pai “gera” o Filho, tem também uma repercussão para o próprio Deus. Dado que a vida humana de Jesus “*afeta*” a vida intradivina, a plena incorporação de Cristo, também em sua humanidade, na vida divina se faz necessária. O Filho, tendo-se encarnado, somente será Filho de Deus realmente se também sua humanidade for elevada à glória divina. Mesmo sem negar a liberdade e a gratuidade da ação salvadora de Deus, é preciso reconhecer que, uma vez que se dá a encarnação, a ressurreição se torna uma exigência da própria geração eterna, inclusive uma manifestação ou uma expressão da mesma.

5. A relação de unidade do Pai e do Filho se manifesta na ressurreição e exaltação de Jesus. Inseparável delas, a efusão do Espírito Santo, dom do Pai e do Filho, expressa a união dos dois e a pertença do *Pneuma* ao âmbito divino juntamente com as duas primeiras pessoas. O Espírito Santo intervém na ressurreição de Jesus cuja iniciativa pertence ao Pai.

Não são muitos os textos que se referem a Ele; são, porém, muito significativos. O mais claro é Rm 1,4: “estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor”. A filiação divina de Jesus em poder se realiza em virtude do Espírito Santo: *o Pai ressuscita Jesus no Espírito*. Esse Espírito de Deus, que no AT é a força criadora e que robustece o homem, é agora força de ressurreição (cf. Ez 37,5ss).

A intervenção do Espírito na ressurreição de Cristo aparece também em Rm 8,11: “E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o Espírito que habita em vós”.

No mistério pascal, ficam definitivamente “caracterizados” o Pai e o Espírito. Na ressurreição de Jesus, se manifesta a ação distinta do Pai e do Espírito, o que revela e “corresponde” à distinção pessoal dos dois.

Outro texto importante é 1Cor 15,45, no qual se afirma que o próprio Jesus, na ressurreição, tornou-se “espírito que dá vida”. Não se deve interpretar essa identificação como uma confusão entre o Ressuscitado e o Espírito, mas no sentido de que Jesus, na ressurreição, foi *plenificado* pelo Espírito Santo de Deus e se converteu, assim, em fonte de vida para todos os que creem.

Como o primeiro Adão foi fonte de vida terrena, vida que termina na morte, com mais razão ainda o último e definitivo Adão é *fonte do Espírito*, da vida definitiva, que agora plenifica sua humanidade perfeitamente divinizada na total comunhão de vida com o Pai.

Essa mesma correspondência (a plena posse do Espírito faz do Ressuscitado fonte do Espírito para a humanidade) encontramos em At 2,33: “Exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto que vedes e ouvis”.

Jesus ressuscitado e exaltado à direita do Pai recebeu dEle o Espírito que, em Pentecostes, foi derramado nos Apóstolos. A plena posse do Espírito da parte de Jesus *torna possível* a sua efusão nos homens. Essa efusão de Pentecostes é “a primeira” manifestação da plena comunhão de Jesus com o Pai, de sua filiação e, por conseguinte, da paternidade divina.

